

QUANDO O VERBO SE ENCARNA EM FORTALEZA

MOACYR FÉLIX

A atual poesia cearense é importante, muito importante, pela contribuição que traz à nossa mais válida literatura, aquela que se quer e se faz contra esses aparentemente desvairados cultos da irracionalidade, pregados pelos que se dizem "rebeldes sem causa", e que, por isso mesmo, servem apenas de vaso para o modismo das "vanguardas", conservadoramente aplaudidas pelo poder e pelos interesses e pelos medos da classe dominante.

A atual poesia cearense, no seu aspecto mais significativo, deixa evidente que vê a literatura como a arte da palavra posta filosoficamente - ou seja, sem simplificações a aleijar as móveis espessuras do real - a serviço das idéias e dos sentimentos que se realizam nas lutas contra as alienações que dolorosamente deformam os sentidos da existência humana. É uma poesia de pé, não há dúvida, uma poesia contra o que oprime e a favor do que liberta, uma poesia dos que sentem na pele dos seus corpos e das suas calçadas o baque das horas sujas e quebradas pela miséria e pela ignorância.

Para ser reconhecido ou lido nacionalmente, tem-se que ir, pelo menos,

As matrizes da divulgação literária no Rio e em São Paulo, sobretudo, e em outras importantes cidades do Sul e do Centro do nosso País, cercam com uma pesada cortina de silêncio os muitos livros desses poetas editados em Fortaleza.

Para ser reconhecido ou lido nacionalmente, tem-se que ir, pelo menos, ao Rio ou a São Paulo, e ali buscar relacionar-se com os "donos do poder cultural", ou, pelo menos, com os seus parentes e subalternos, freqüentar suas casas, levar cartões de visitas sob os olhos das secretárias, alisar com o traseiro as poltronas das editoras, fazer reverências nas redações, encher a todo momento a boca de elogios aos chamados "vencedores da vida", etc., etc. E agora - Deus meu! - é a hora de lembrar o quanto vem sendo badalado, no Rio e em São Paulo, aquele amontoado de ignorância e de imposturas que fez Carlos Drummond de Andrade morrer denunciando o alastramento da

"poluição cultural, que consiste na divulgação estonteante de valores intelectuais e artísticos da pior qualidade, absorvidos com avidez por consumidores despreparados e alienados da realidade brasileira".

Por mais que para a imprensa e os escritores daqui fossem enviados, que escritor ou jornal deu cobertura e espaço a iniciativas como, por exemplo, a de imprimir e lançar **Nação Cariry**, uma revista de qualidades bem mais altas do que

as babaquices das revistecas e jornalecos em que aqui bailam reunidas a mediocridade e a leviandade?! E se voltarmos atrás, o que dizer da nenhuma esqualida, quando não envenenada, repercussão de movimentos importantes da poesia que foram **Clã**, na década de 40, o **SIN** na de 60, e **O Saco**, na década de 70?! E isso não é por acaso: o Nordeste - sofrido e ferido sob um regime econômico que já fez por merecer a alcunha de "capitalismo selvagem"-encontraria em autores como os dessa poesia de **rebeldes com causa** - e se à sua gente fosse dado o mínimo poder de comprar e ler os seus livros - o grito do colonizado se levantaria contra o colonizador.

E é nesse grito, portanto, que a dor mais funda do povo brasileiro, como um todo, encontraria o seu verdadeiro eco, aquele cuja história é a do ser contrário aos sons cosmopolitas com que somos vendidos às matrizes do capitalismo financeiro internacional. Matrizes que são as mesmas que dão corda e limite às matrizes da orientação fundamental dos nossos mais potentes meios de comunicação.

E aqui fico pensando em alguns dos mais significativos poetas vivos que hoje o Ceará nos oferece, cada um senhor das técnicas do verso com que vão abrindo - ora com sucesso, ora com fracasso - as muitas janelas da vida que se acha e que se perde no exterior interiorizado do ser humano.

Sem esquecer o relevo de mortos como Jáder de Carvalho e Aluizio Medeiros, ou o já celebrado em vida Gerardo de Melo Mourão, vale citar, entre os mais velhos, Francisco Carvalho, Alcides Pinto, Artur Eduardo Benevides e Caetano Ximenes Aragão, e entre os mais moços, além de Luciano Maia e Rosemberg Cariry, vale destacar também Oswald Barroso, Adriano Espinola, Airtton Monte, Pedro Lyra, Carlos Augusto Vianna, Rogaciano Leite Filho, Floriano Martins e o digno de ser muito estudado popular poeta Patativa do Assaré. E entre esses, e com o devido destaque, é de incluir-se o nome do autor deste *Verbo Encarnado*.

Desde as leituras de *Contracanto*, *Lições de Espaço* e *Memória Corporal*, ou seja, há muitos anos conheci e me fiz amigo pessoal de Roberto Pontes, essa musical figura humana que sabe se fazer tão parte das ruas da cidade em que se orchestra. Da sua ternura guevarina, como individuo e poeta, é que ele fez a sombra e o vazio de que também são feitos os atos da vida dos homens. Porque em 1970 ele já escrevia em "Raizes", um poema publicado no número 5 de **O Saco**, que:

"As raízes explicam sempre as folhas
adidas aos ramos projetados
e nelas a essência bruxuleia.
Da sua duração subterrânea
vem o vago e o complexo das plantas
onde apanho o real pelos cabelos."

E assim ele caminha desde os becos escuros ou as praias esverdeadas pelas ondas que lavam os perfis da sua Fortaleza até o jogo da luz e da treva nos

BN/UFV

fatos e nas figuras da nossa história contemporânea que mais o tocaram. O mundo, o nosso mundo e este País dentro dele - esse o barco dos seus pensamentos; o povo, todos os povos, e a singularidade do ser individual neles imerso, esses os tripulantes do seu barco. Aqui o verbo se encarna na dança linotípica das escrituras de significados e significantes; e é uma recusa de todas as ditaduras que levam ao sectarismo e ao dogmatismo, a tudo que prende numa conceitual camisa-de-força os inconceituáveis e quase infinitos tons pesados no olho das velocidades em que giram, se acendendo e se apagando, as contradições de cada ser humano. Aqui, neste livro, o chão de todo verdadeiro poeta, o chão em que cada poeta escolhe a sua singularíssima viagem, o chão em que Roberto Pontes realiza os melhores poemas deste livro. E aqui pinço, com exemplificação, o poema dedicado a Tatá, a negra retinta que foi mãe dos princípios do poeta, a que, no dia da notícia da morte de Stalin, deu-lhe o que

"foi a primeira lição de liberdade.
Eu tinha nove anos e sorria
apenas nove anos e sonhava."

tudo formando a descrição do momento do quanto aprendera, desde então, que a existência humana é maior do que qualquer esquematismo político:

"As flores transpiravam mil segredos
elas eram brancas, roxas, e teimavam."

Aqui vemos o que aparecerá várias vezes neste livro: o fato mais individual a servir de eixo para a definição de fatos da grande história dos homens, o próximo e o singular mostrando seu rosto essencialmente ligado ao rosto do distante e do plural.

E por isso - ora aplaudindo e abraçando, ora condenando e vergastando o poeta vai costurando, em torno da sua noção de liberdade, a evocação de nomes de tiranias e tiranos - como Stalin, Salazar, e o golpe militar em 64 - com os nomes de Neruda, Ho Chi Minh, Frei Tito, Genuino Neto, Luther King e outros.

Roberto Pontes está convencido de que a fala insubmissa do poeta não deve ser concebida "apenas como resistência" e sim "muito mais como incitação das consciências". E a partir dessas idéias estrutura neste livro uma verdadeira lição do que deve ser verdadeiramente uma poética: lutando para não se aprisionar nos dogmatismos e sectarismos contrários à complexidade da existência, aberto aos infinitos que ainda não sabemos, o poeta colhe a poesia no que vê e sente como o não-ser do que foi ou que não pôde ser sob os golpes do destino e da história; e em nome disso faz da *Liberdade* a porta e o caminho e o horizonte para o verbo com que intenta dar fala ao ser que nele move idéias e sentimentos.

"A noite será feia
enquanto houver uma cadeia".

"E ao não te sobrar mais nada
pressentindo ter-se ido

a **LIBERDADE**

arranca a primeira pedra da calçada
e luta

pela única razão que vale a pena."

O poeta não se abre exceções, não as admite; a liberdade é indivisível e para todos, ou não é liberdade. Ela é o fundamento de todos os altos do ser humano a se construir no meio das coisas.

Esses pensamentos centrais sobre a liberdade, porém, só fazem sentido poético se completados pelas questionantes noções de infinitude, morte, mistério e **necessidade** de conscientização. Elas é que completam qualquer poética autenticamente voltada para servir ao socialismo, distanciando-se assim da farsa desses escribas em verso que se dizem "poetas engajados", mas que, por ignorância e carreirismo, descambam para um panfletarismo que falseia a realidade, e que, portanto, mente, e que, por mentir, é também politicamente um equivoco e um erro:

"O poema há de levar
a direção pensada e fria
da consciência
dos que não têm dias
nem mar, nem sol, mas má razão."

Ou:

"cai do queixo a interrogação
tatuada nos rostos de abismo"

Rosto de abismo: inútil olhar a superfície apenas, as aparências da vida: há que mergulhar - e a poesia e o amor ensinam isso - até sentirmos a profundidade das raízes na história de cada ato ou omissão do homem.

E é também com profunda beleza estética que ele prossegue:

"Olha como se amam as borboletas
que fiam corpo vivos no mistério
e não dizem versos
porque fazem vôos"

Subentendida, a compreensão de que os versos nascem do que não voou embora deveriam ser a asa bonita do que eleva o ser humano. Ética e estética não se separam: eis o ensinamento.

Eu poderia alongar este texto com a citação de vários outros fragmentos de uma poesia bela, em muitos momentos, porque feita com a fidelidade à arte que é a encarnação da palavra como corpo elaborado de autenticidade no sentir o que não é conceituável e é, no entanto, a própria respiração dos sonhos em que se move o melhor do nosso estar-no mundo como formas do amor e da liberdade.

Deixo aos leitores, porém, o encantamento desse trabalho.